

A luta para conter Donald Trump



Por **DAVID RENTON***

Há boas razões para supor que a capacidade de Trump em causar danos será pior desta vez do que da última vez. Seu desejo de vingança é maior

1.

A guerra de Israel contra Gaza já facilitou a vitória de Donald Trump nas eleições presidenciais dos EUA. As probabilidades são de que isso o liberte significativamente para ir mais longe no cargo do que conseguiu na última vez que esteve no poder.

Donald Trump é ao mesmo tempo semelhante e diferente dos fascistas da década de 1930. Ele é preguiçoso, rabugento, incapaz de construir um consenso entre as instituições dos EUA. Ele não quer ou precisa. O seu modelo não é propriamente a abolição da democracia, mas sim a criação de vantagens permanentes para o seu partido e a sua classe. Mas há boas razões para supor que a sua capacidade de causar danos será pior desta vez do que da última vez. Seu desejo de vingança é maior.

Ele tem uma relação muito semelhante com um partido (ou seja, o povo de 6 de janeiro) àquela que Hitler ou Mussolini tiveram, apenas mediada através das redes sociais em vez do pagamento de quotas partidárias ou publicações do partido. O Estado e a opinião pública tratarão estas eleições como uma aprovação retrospectiva da tentativa de golpe de 6 de janeiro, mesmo que haja indivíduos que percam o perdão de Donald Trump.

A questão, na verdade, é que tipo de processos poderão levar Donald Trump a ir mais longe do que já foi?

Nas eleições, os republicanos tiveram uma história muito mais fácil de contar do que os democratas. Eles queriam a guerra e queriam que Israel vencesse. Convidaram Benjamin Netanyahu para discursar no Congresso e foram eles que estiveram presentes para o aplaudir. Netanyahu foi um dos primeiros a felicitar Donald Trump pela sua vitória. Os democratas tiveram uma história muito mais difícil de contar. Queriam que a sua base acreditasse que conseguiriam uma vitória israelense e que iriam agir como uma força limitadora, impedindo que a vingança se transformasse em assassinato. Essa história era incoerente desde o início da incursão em Gaza, altura em que se tornou claro que este seria um dos processos de assassinato em massa mais prolongados e violentos em todo o mundo desde 1945.

Os Democratas financiaram a guerra e forneceram, juntamente com os seus aliados britânicos, a inteligência que seria usada para permitir o assassinato tecnológico em massa de civis. Eram a favor de Israel contra a ordem internacional, contra o tribunal mundial, contra quaisquer limites ao poder militar. Todos estes últimos, insistiram, poderiam ser

ignorados em prol de um aliado muito querido. Na medida em que os Democratas informaram que iriam restringir Israel, as ações daquele país mostraram ou que estavam mentindo ou que eram fracos. Linha vermelha após linha vermelha foi cruzada: os Democratas alegaram que Israel concordaria com um acordo de paz quando não o fizesse, evitaria bombardear hospitais quando não o fizesse, não assassinaria os seus inimigos até que o fizesse, não participaria do genocídio, mas o fizesse. É por isso que Joe Biden parecia velho e desanimado – porque não podia fazer nada para usar todos aqueles dólares e aquelas armas, exceto para alcançar resultados diferentes daqueles em que afirmava acreditar.

No sistema político americano, os presidentes são fracos porque dependem do apoio do Congresso para aprovar legislação, e é raro que um presidente tenha maiorias em ambas as casas e as boas relações necessárias para aprovar leis significativas. No entanto, os presidentes são fortes, no sentido de que a Constituição lhes dá controle ilimitado sobre o poder militar dos EUA. Joe Biden e Kamala Harris armaram Israel. Mas também disseram a um grupo significativo dos seus eleitores que não queriam nem acreditavam na guerra. Essa combinação não fazia sentido para ninguém.

Então, o que vai acontecer para frente? A política contrarrevolucionária surge com a combinação e interrelação de eventos significativos. Uma analogia histórica útil é a era original do fascismo, que derivou o seu poder da combinação das vitórias de Mussolini e de Hitler. O primeiro representou um avanço tão grande que, poucas semanas depois de chegar ao poder, surgiram grupos imitativos pró-fascistas em quase todos os países da Europa. Hitler copiou a Marcha de Mussolini sobre Roma.

Ele não chamou o seu partido de fascista porque tinha ambições de dominação. Ao conquistar o poder do Estado, desencadeou uma dinâmica de emulação, rivalidade e competição que encorajou ambos os partidos a agirem mais à direita. Às vezes, por ex. sobre a Áustria, eles competiram. Às vezes, por ex. na Espanha, eles lutaram em aliança. Os dois regimes pressionaram-se mutuamente – culminando na Segunda Guerra Mundial.

O que este artigo tenta explicar, ao nível da teoria, é o que desencadeia esta dinâmica de rápido avanço contrarrevolucionário.

2.

À esquerda, vários marxistas teorizaram as circunstâncias ideais para a revolução como uma dinâmica de revolução permanente. No seu “Discurso do Comité Central à Liga Comunista”, publicado em 1850, Marx e Engels descreveram a revolução socialista como uma revolução que se espalhou cada vez mais profundamente em termos da mudança que tentava alcançar: “(...) o nosso interesse e a nossa tarefa são tornar permanente a revolução até que todas as classes mais ou menos possuidoras estejam afastadas da dominação, até que o poder de Estado tenha sido conquistado pelo proletariado, que a associação dos proletários, não só num país, mas em todos os países dominantes do mundo inteiro, tenha avançado a tal ponto que tenha cessado a concorrência dos proletários nesses países e que, pelo menos, estejam concentradas nas mãos dos proletários as forças produtivas decisivas. Para nós não pode tratar-se da transformação da propriedade privada, mas apenas do seu aniquilamento, não pode tratar-se de encobrir oposições de classes, mas de suprimir as classes, nem de aperfeiçoar a sociedade existente, mas de fundar uma nova”.

Nos seus *Balanços e Perspectivas*, publicado em 1905, o revolucionário russo Leon Trotsky argumentou que parte do processo que permite esta condição ideal de uma revolução progressiva e cada vez mais profunda, foi que o movimento social subjacente se espalhou através das fronteiras. Ele escreveu que a classe trabalhadora russa “não terá outra alternativa senão ligar o destino do seu domínio político e, portanto, o destino de toda a revolução russa, com o destino da revolução socialista na Europa (...) na balança da luta de classes de todo o mundo capitalista.” (Esta falta de revolução internacional é parte da razão pela qual a Revolução Russa de 1917, no final, não conseguiu atingir os seus objectivos de autogovernança da classe trabalhadora). Leon Trotsky estava certo – a forma como se consegue a mudança social mais

a terra é redonda

profunda de Marx é espalhando a revolução através das fronteiras.

Um processo de revolução permanente à esquerda é diferente do que acontece quando se vê uma contrarrevolução à direita. A esquerda e a direita não existem em relações comparáveis com o mundo capitalista existente – a esquerda sempre ataca processos sociais significativos (a dominação da sociedade pelos ricos, a alienação das pessoas e a falta de crença no nosso poder coletivo); a direita está sempre alinhado com eles. A revolução e a contrarrevolução não são dois processos idênticos que vão apenas em direções opostas. Eles não são como um filme que você assiste às vezes normalmente e às vezes rebobinando.

Mas para compreender as circunstâncias que ocorrem à nossa volta, é útil compreender que existe um processo contrarrevolucionário em curso no mundo, e que existe uma certa analogia ampla entre a revolução que os comunistas querem ver e a forma como a história parece agora virando-se contra nós e contra as pessoas que consideramos aliadas.

Existe dentro da esquerda um campo revolucionário, composto por pessoas que querem levar a história o mais longe possível na direção da democracia, da social-democracia e, como disseram Marx e Engels, na direção da abolição da propriedade privada. Tal como existimos, também existe um outro grupo de pessoas do outro lado da política, chamemos-lhes “fascistas”, que querem ver a destruição na sociedade de quaisquer elementos remanescentes da social-democracia – a incorporação dos sindicatos no Estado, a destruição de quaisquer elementos sociais remanescentes do Estado (saúde pública), o silenciamento e a prisão ou assassinato de ativistas de esquerda.

3.

O que torna possível uma revolução social é um processo no qual as pessoas ligam as suas exigências sociais e políticas. Na versão ideal da revolução permanente, isto pode significar algo como os trabalhadores entrarem em greve para melhorar os seus padrões de vida, entrarem em conflito com a polícia, perderem toda a confiança no Estado existente, uma onda de greves suscitar novas exigências económicas e políticas com a economia e a política impulsionando-se mutuamente até que a única solução seja claramente a revolução social.

Nas atuais circunstâncias de contrarrevolução permanente, a extrema direita insiste que tem tanto exigências económicas (a remoção de trabalhadores migrantes, supostamente para ajudar a classe trabalhadora branca) como soluções políticas como a promessa de Trump de ser ditador no primeiro dia. Os dois conjuntos de demandas se encaixam e impulsionam ambos.

Quando os revolucionários imaginam a transformação e a destruição do Estado existente, muitas vezes concebemos isto como um processo de confrontos prefigurativos, nos quais assumimos instituições estatais chave e as derrotamos até adquirirmos tal poder nas ruas que mesmo as instituições estatais chave ficam vulneráveis para nós – sonhamos em invadir o parlamento, em capturar o Palácio de Inverno. O mesmo acontece com os nossos antagonistas da direita. Ao contrário de nós, nos Estados Unidos, eles têm experiência recente de alcançar pelo menos uma dessas vitórias simbólicas – 6 de janeiro.

Ao apresentarem desculpas para a guerra de Israel, Joe Biden e Kamala Harris tornaram mais fácil para Donald Trump dizer que pode fazer o que quiser e que não se importa com o que dizem as regras.

Existe, tanto na esquerda como na direita, uma longa história de pessoas que capturaram certos elementos superficiais do Estado sem assumirem o seu aparelho real. Assim, por exemplo, na Itália de hoje, temos um partido de origem fascista no governo sem que esse partido tenha governado de acordo com o programa fascista completo. As eleições ainda acontecem, grande parte da imprensa e da televisão ainda são controladas por pessoas que não são fascistas. Os Irmãos da Itália

a terra é redonda

(*Fratelli d'Italia*) não construíram um Estado de partido único.

Este é o ponto em que deveríamos levar a sério a insistência de Leon Trotsky de que a revolução permanente só pode ser alcançada através de um processo internacional. O mesmo se aplica à contrarrevolução. Só pode passar, em qualquer base duradoura, da vitória política à revolução social tomando o poder em vários Estados-nação ao mesmo tempo.

É por isso que a guerra em curso contra Gaza é tão importante para a vida sob Donald Trump. Pois o significado histórico do fascismo residia no fato de ter sido uma recuperação do colonialismo para o Ocidente. Sob o imperialismo clássico, a Europa exportou a guerra e o genocídio para os países do sul global. O fascismo inverteu esse processo, tornando novamente possível a guerra entre grandes estados, dizendo aos europeus que as matanças coloniais que tinham sido legítimas quando praticadas contra povos nativos poderiam ser cometidas com impunidade contra concidadãos europeus, uma vez que também pertenciam a uma categoria de raciais inferiores.

Gaza tem sido o reaparecimento da guerra colonial, com o décimo terceiro país mais rico do mundo medido em PIB per capita, tratando a sua população subumana como tão subumana que são alvos legítimos de morte em massa. E as grandes potências mundiais, em vez de expulsarem Israel das suas fileiras, equiparam esse Estado com armas e inteligência para completar a sua tarefa.

Todas as linhas morais traçadas depois de 1945 para impedir o regresso do fascismo e do genocídio foram agora atravessadas pelas sociedades ocidentais. Se Donald Trump, sendo o tipo de político que é, disser que ele também quer as suas guerras, ele também quer as suas vitórias raciais, então não pode esperar nenhuma sanção por as exigir. Ao apresentarem desculpas para a guerra de Israel, Joe Biden e Kamala Harris tornaram mais fácil para Donald Trump dizer que pode fazer o que quiser e que não se importa com o que dizem as regras.

O objetivo deste artigo não é fazer previsões sobre o que Donald Trump fará. Meus comentários são dirigidos antes aos participantes dos movimentos populares que tentam contê-lo. Os fatos da guerra de Israel e o apoio ocidental à mesma tornarão a vida muito mais difícil para aqueles de nós que estão genuinamente empenhados na resistência - para parar a guerra - e para deter Donald Trump.

***David Renton** é ativista político. Autor, entre outros livros, de *Fascismo: história e teoria* (Usina editorial).
[<https://amzn.to/4govomr>]

Tradução: **Sean Purdy**.

Publicado originalmente no site [rs21: Revolutionary Socialism in the 21st Century](https://rs21.org/).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

CONTRIBUA